

Ucrânia: nem honra nem paz!

No momento em que escrevo e com as informações que é possível consolidar a partir das linhas e entrelinhas do que a imprensa vai noticiando, elas mesmas inquinadas pelo “fog of war” e pela intensa campanha de propaganda dirigida pela máquina de guerra russa, o que se me oferece dizer é:

1 – O objectivo militar russo é claramente Kiev, não só pelo seu significado simbólico e psicológico, passível de minar a determinação ucraniana, mas também porque é a partir das alavancas do aparelho de estado, aí instaladas, que se fará o posterior controlo do país.

Assim sendo, o ataque principal é sobre Kiev e os outros ataques no leste e no sul são ataques secundários que visam desviar e/ou fixar as forças ucranianas, impedindo-as de manobrar, tarefa já de si difícil, tendo em conta a supremacia aérea russa.

O ataque a civis, além de criar o pânico e a sensação de derrota, gera também um movimento intenso de fuga pelas estradas, dificultando os movimentos de tropas ucranianas.

2 – O facto de o objectivo ainda não ter sido atingido, revela, só por si, que o plano russo está a sofrer alguns atrasos, em virtude da resistência oposta pelas forças ucranianas. Se a *blitzkrieg* falhar, o tempo não corre a favor dos russos, já que o país não tem estatura económico-financeira para manter uma guerra de elevada intensidade por muito tempo. O combustível custa dinheiro, o material custa dinheiro, e o ímpeto irá diminuindo.

3 – Mesmo que atinja o objectivo, e isso parece neste momento muito provável, a resistência ucraniana e a percepção pública, nacional e internacional, de que os russos mentiram, enganaram e agem como um *bully*, criarão um osso que a Rússia terá muita dificuldade em roer, numa era em que tudo se sabe e a

informação está disponível ao instante em todo o mundo. Uma eventual e provável resistência interna, num país com 40 milhões de habitantes, só poderá ser vencida com operações de ataque massivo a civis, retaliações estalinistas e brutais e muitas baixas também do lado dos russos, ao longo de muito tempo.

Já depois da 2ª Grande Guerra, a URSS conduziu uma guerra de contra-guerrilhas contra os ucranianos, com mais de 100 000 mortos. Poderá a Rússia fazer isso hoje? Com os resistentes apoiados e abastecidos pelo Ocidente?

Não gostaria de estar no lugar de Putin, repito: com um osso deste tipo para roer.

4 – A Rússia irá sofrer consequências muito gravosas, nos anos que se irão seguir, tanto internamente como na sua posição no concerto das nações e tudo isto sugere que esta decisão de Putin não é racional.

Na própria Rússia, as manifestações, que ocorrem num contexto de uma ditadura e nas quais as pessoas arriscam a prisão, são a prova de que muitos russos não encaram isto com entusiasmo, até porque muitos têm hoje acesso a informação para lá da propaganda do governo. Além disso os ucranianos são vistos pelos russos mais como irmãos, pese embora a tentativa da propaganda de os demonizar e identificar como “nazis” (a talhe de foice, Zelensky é de ascendência judaica, o que, a nível de *non sense*, equivale à acusação que a esquerda portuguesa fazia a Passos Coelho de ser “racista”, ele que era casado com uma guineense).

5 – A reacção de várias organizações, de banir a Rússia de eventos desportivos, voos, instituições, intercâmbios, etc., as eventuais baixas numa ocupação prolongada, bem como o inevitável abaixamento do nível de vida dos russos, irão, no longo e médio prazos, reflectir-se na animosidade contra Putin, passados que sejam os fumos da “vitória”.

6 – Não sendo portanto esta invasão uma opção racional, é de temer que a embriaguez da vitória e do sentimento de poder, catapultado pela bolha ideológica em que Putin vive, o leve a não parar por aqui. Há ali à volta vários vizinhos vulneráveis e a verdade é que o “ex” KGB já hoje ameaçou a Suécia e a Finlândia.

De qualquer maneira, ele deve ter o claro sentimento de que uma vez atravessado o Rubicão, qualquer passo atrás é o seu fim.

7 – Se os países ocidentais tiverem agora o estofamento para enfrentar o *bully* (depois de o terem incentivado, pela inação, cobardia, fraqueza e falta de visão) podem fazer muito, para lá das sanções, dos apelos, das luzes, das rezas e dos “je suis”.

Podem, por exemplo, desencadear ciberataques sobre as infraestruturas, internet e comunicações russas, sem que os russos possam provar quem é o autor, de resto como eles mesmos têm feito. Podem também fornecer material de guerra. Mísseis anti-carro, mísseis anti-aéreos, drones e até mísseis de cruzeiro e balísticos, para que os ucranianos possam também atingir o lado de lá, levando a guerra ao interior da Rússia. Sinceramente duvido que os *appeasers* que nos governam, dignos sucessores de Chamberlain e Dalladier, o façam.

Mas, como dizia Churchill, quando se troca a honra pela paz, não se fica com nenhuma delas.

José do Carmo

* O autor escreve segundo a anterior norma ortográfica.